



UnB

UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB

INSTITUTO DE ARTES – IDA

DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS – VIS

MARCOS ANTONIO SANTOS DA SILVA

**O USO DAS IMAGENS FOTOGRÁFICAS UTILIZANDO A TECNOLOGIA MOBILE
NO ÂMBITO ESCOLAR**

Rio Branco, Acre.

Maio de 2018

MARCOS ANTONIO SANTOS DA SILVA

**O USO DAS IMAGENS FOTOGRÁFICAS UTILIZANDO A TECNOLOGIA MOBILE
NO ÂMBITO ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de licenciatura em Artes Visuais do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes, pela modalidade Universidade Aberta do Brasil, da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Artes Visuais.

Orientador: Christus Nobrega.

Rio Branco, Acre.

Maio de 2018

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus por sempre me conceder o que almejo, a minha mãe por sempre me apoiar nos estudos, ao meu amigo Tiago Benigno por sempre estar comigo me dando força em todas as horas e a equipe do polo Rio Branco que esteve sempre me auxiliando.

AGRADECIMENTOS

Agradeço...

... A Deus por todas as oportunidades alcançadas.

... A tutora Marjane Andrade, que mesmo não estando mais na função de tutora do curso sempre nos apoiou e nos auxiliou.

... A todos que comigo estiveram nesse longo percurso.

... A Rosana Macedo, por me auxiliar nos momentos difíceis do processo.

“Minha fotografia é resistência da memória”.

Araquém Alcântara

RESUMO

Esse trabalho propõe trazer à tona as possibilidades da utilização da ferramenta em sala de aula juntamente com seus benefícios no campo das Artes Visuais tornando cidadãos críticos e pensadores acerca do impacto que as tecnologias vem causando em nossa sociedade. O uso da fotografia é importante porque nos fornece um campo vasto de informações, mais do que isso, ensina um código visual, mudando o nosso modo de olhar, nos direcionando para apenas o que vale ser olhado ou não. Para o aluno, a possibilidade de ver aquilo que está sendo estudado é mais importante do que apenas ouvir uma explanação acerca de um dado assunto. A metodologia utilizada durante a pesquisa e elaboração do trabalho de conclusão de curso, inicialmente foi à pesquisa bibliográfica onde oportunizou a familiarização com a história e os termos aplicados à forma como exploramos a fotografia no contexto educacional juntamente com as novas tecnologias. Assim também foi utilizado o método experimental exploratório. Nas considerações finais foi aplicado o método hipotético dedutivo.

Palavras-chave: Fotografia; Arte; Ensinar; tecnologia, Móvel, celular.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. BREVE HISTÓRICO SOBRE A FOTOGRAFIA	10
1.1. Foto sensibilidade.....	11
1.2. Os pioneiros da fotografia.....	12
1.3. A Fotografia no Século XX	16
1.4. A propagação das câmeras nos celulares.....	19
2. FOTOGRAFIA NO ÂMBITO ESCOLAR.....	23
3. PROPOSTA PARA USO DO CELULAR NA SALA DE AULA.	28
3.1. Conteúdo programático das aulas.	28
3.2. Formas de análise de imagem.	30
3.3. II Parte da Análise de imagem.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
BIBLIOGRAFIA.....	33
ANEXO.....	34

INTRODUÇÃO

O mundo está altamente tecnológico, fazemos hoje, uso de ferramentas indispensáveis para o nosso dia a dia como o celular. Essa ferramenta está conosco a todo o momento e pode ser utilizado como recurso didático, na produção de imagens através da teoria e prática fotográfica. Esse trabalho propõe trazer a tona as possibilidades da utilização da ferramenta em sala de aula juntamente com seus benefícios no campo das Artes Visuais tornando cidadãos críticos e pensadores acerca do impacto que as tecnologias vem causando em nossa sociedade.

A sociedade hoje caminha por mais uma das transições sociais que transformaram a sociedade ao longo do tempo. Para compreender esse processo, é preciso não só entender as mudanças que a mesma vem sofrendo, seja estas no seu modo de agir, pensar e se relacionar, mas também a evolução dos dispositivos que propuseram e fizeram parte dessas modificações.

Portanto, entende-se que as transformações sociais estão interligadas às transformações tecnológicas da qual a sociedade se apropria para se desenvolver e se manter, novas concepções surgiram, novas práticas, ocupações, e tudo se modificou em tão pouco tempo. Podemos classificar essas mudanças em sociedade midiática, em era digital, era da comunicação, a sociedade passou a ser denominada não por aquilo que é ou pelos seus feitos, mas a partir dos instrumentos que passou a fazer uso.

A utilização da fotografia é importante porque nos fornece um campo vasto de informações, mais do que isso, ensina um código visual, mudando o nosso modo de olhar, nos direcionando para apenas o que vale ser olhado ou não. Diante da necessidade de rompimento com uma educação fragmentada, a fotografia tem se mostrado importante no que diz respeito à educação e as novas tecnologias. A fotografia pode ser utilizada no trabalho interdisciplinar possibilitando a integração dos conteúdos acerca dos valores humanos estéticos e éticos.

Como suporte didático, a fotografia pode ser utilizada sem prévias restrições quanto a disciplinas, ainda que, algumas delas possam ser mais beneficiadas pela utilização desse recurso visual. Para o aluno, a possibilidade de ver aquilo que está

sendo estudado é mais importante do que apenas ouvir uma explanação acerca de um dado assunto. Quando um aluno se depara com um conteúdo, não basta apenas tê-lo diante dos olhos, é preciso interpretá-lo, interagindo com aquilo que lhe está sendo oferecido. Por isso se faz necessário um conteúdo que aborde o fazer artístico, a apreciação da arte e da história da arte de forma que o aluno possa se tornar conhecedor fruído e decodificador da obra de arte.

A metodologia utilizada durante a pesquisa e elaboração do trabalho de conclusão de curso, inicialmente foi à pesquisa bibliográfica onde oportunizou a familiarização com a história e os termos aplicados à forma como exploramos a fotografia no contexto educacional juntamente com as novas tecnologias. Assim também foi utilizado o método experimental exploratório. Nas considerações finais foi aplicado o método hipotético dedutivo.

1. BREVE HISTÓRICO SOBRE A FOTOGRAFIA

Catalogar a descoberta da fotografia em um momento exato na história é muito difícil, esses processos e etapas que levaram a criação da fotografia consistiam em experiências e processos desconhecidos pelo homem desde a antiguidade. Paralelo a isso temos um conjunto de cientistas em diferentes épocas, lugares e tempo que aos poucos foram descobrindo as partes destes complexos quebra-cabeças que somente no séc. XIX foi inteiramente montado. (SALLES, 2014)

Os alicerces do que no futuro seria chamada fotografia surgiu de dois princípios básicos já conhecidos pelo homem há muito tempo, mas que tiveram que esperar muito tempo para se manifestar satisfatoriamente em conjunto, que são: a câmera escura e a existência de materiais fotossensíveis. (SALLES, 2014)

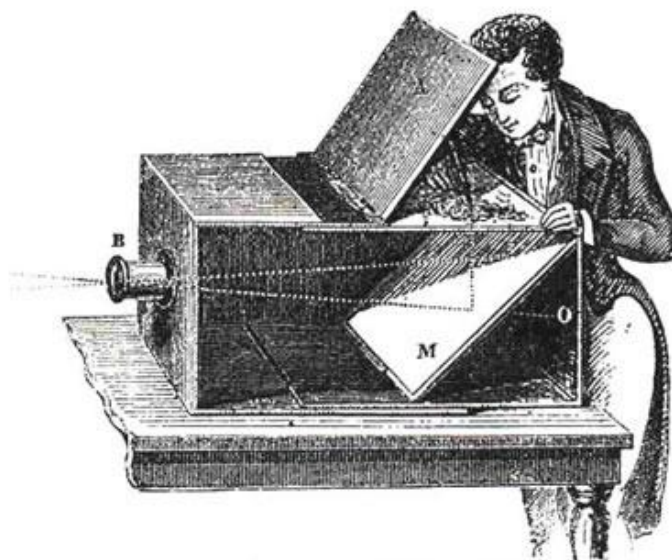


Figura 1: Câmera escura portátil século VXII - Disponível: <http://fotografiaontemhoje.blogspot.com/2011/08/linha-do-tempo-da-fotografia.html>. Acessado dia 23 de maio de 2018 às 15 horas.

A câmera consiste em uma caixa preta totalmente vedada da luz com um pequeno furo ou uma objetiva em um dos seus lados. Apontada para algum objeto, a luz refletida deste projeta-se para dentro da caixa e a imagem dele se forma na parede oposta à do orifício, figura 1. Se, na parede oposta, ao invés de uma superfície opaca, for posta uma translúcida, como um vidro despolido, a imagem formada será visível do lado de fora da câmera, ainda que invertida. (SALLES, 2014)

A câmera escura é uma das invenções que não se sabe a origem. Descrições de quartos fechados com orifícios que projetam imagens em seu interior existem desde a Renascença, e suas referências indicam desde a Grécia Antiga, porém há ainda referências deste conhecimento entre os chineses, árabes, assírios e babilônios. (SALLES, 2014)

Todavia, a câmera escura foi muito utilizada durante toda a Renascença, e grande parte dos séculos XVII e XVIII para o estudo da perspectiva na pintura, só que já munida de avanços tecnológicos típicos da ciência renascentista, como lentes e espelhos para reverter à imagem. A câmera escura era limitada e não podia estabilizar a imagem obtida. (SALLES, 2014)

1.1. Foto sensibilidade

O outro lado da moeda na corrida da descoberta fotográfica diz respeito aos materiais fotossensíveis. A foto sensibilidade é um fenômeno que quer dizer, literalmente, “sensibilidade à luz”. Toda matéria existente é fotossensível, ou seja, toda ela se modifica com a luz, como um tecido que desbota ao sol. (SALLES, 2014)

Portanto, para a reprodução de uma imagem, nada adiantaria um material de pouca foto sensibilidade, de maneira que todos os cientistas e curiosos que procuravam de alguma maneira a imagem fotográfica começaram pesquisando sobre o material que já há muito era conhecido e considerado o mais propício para tal: os sais de prata. (SALLES, 2014)

A alquimia renascentista já registra as propriedades fotossensíveis da prata, sendo referenciada em 1566 por Georg Fabricius, o que indica que o conhecimento destas propriedades devia ser ao séc. XVI. Os haletos, ou sais de prata, modificam-se rapidamente com a ação da luz, enegrecendo-se na mesma proporção em que recebe luz. (SALLES, 2014)

Registros sucessivos em 1727, 1763, 1777 e 1800, relatam experiências de imagens obtidas a partir de papéis embebidos em soluções de sais de prata. A maior parte dessas experiências era feita como uma cópia por contato, ou seja, algum objeto posto sobre o papel sensibilizado, e assim se obtinha uma imagem ou silhueta daquele objeto. Wedgwood ainda antes de 1800, na Inglaterra, chegou a utilizar a câmera escura para obter, com sucesso, essas imagens. (SALLES, 2014)

Diante desse feito, por que a fotografia já não tinha sido inventada nesta época, precisando esperar mais de 40 anos?

Eis a questão, após ser feita a impressão de uma imagem no papel utilizando sais de prata, a imagem não se mantinha estável, pelo motivo que a prata continuava fotossensível. A prata continuava reagindo a luz solar ficando cada vez mais negra à medida que recebia mais luz. Esse foi o principal problema que os pioneiros da fotografia enfrentaram a busca de um método eficiente de estabilizar a prata, impedindo-a de se sensibilizar após o registro da imagem. (SALLES, 2014)

1.2. Os pioneiros da fotografia

Nicéphore Niépce, nascido em Châlon-sur-saône, França, em 1765. Seguiu carreira militar, ele e seu irmão Claude se interessavam por pesquisas como cientistas amadores e apesar de diletantes, era empenhado, e chegaram a inventar, por volta de 1815, um motor a explosão. (SALLES, 2014)

A busca pelo registro visual era um fascínio pessoal de Nicéphore, que estudou diversas técnicas reprográficas, e tendo com isso feito importantes melhorias no processo de litografias. Mas buscava, assim como outros, uma possibilidade de utilizar a imagem da câmera escura, uma vez que os demais processos só permitiam reprodução de originais opacos ou transparentes, e não imagens projetadas da natureza real. (SALLES, 2014)

Niépce fez sua primeira tentativa com betume da Judéia, uma espécie de verniz utilizado na técnica de água forte, que possui propriedade de secar com rapidez quando exposta a luz. O betume possui um solvente, óleo de lavanda, e que não consegue dissolvê-lo depois deste ter estado em contato com a luz, o que permitia que as partes não expostas pudessem ser removidas, formando assim uma imagem rudimentar. (SALLES, 2014)

Niépce procurou muitas formas de utilizar chapas metálicas emulsionadas com esse betume para imprimir imagens na câmera obscura, mas a quantidade que luz entrava por ela era muito pouca, considerando a provável sensibilidade do betume, da ordem de 0,0012 ISO, e o tempo de exposição provavelmente ultrapassava 12 horas (Niépce registra oito, mas deveria ser mais). Contudo, além da modificação das sombras, o solvente também evaporava e a chapa ficava inteiramente seca. (SALLES, 2014)

Niépce, entretanto, com todas estas experiências, acabou desenvolvendo uma forma de reprodução por contato utilizando o betume da Judéia, a que ele chamou “Heliografia”, ou “escrita do sol”. (SALLES, 2014)

Louis Daguerre, através das divulgações de Heliografias que Niépce conheceu o personagem histórico Louise Jacques Mandé Daguerre. Ambos utilizavam os serviços de um mesmo fabricante de lentes, e que lhes pôs em contato. Daguerre também trabalhava com uma câmera escura, mas fazia uso dela voltado para pintura, e não se sabe bem como se interessou pelas pesquisas na área do que viria a ser a fotografia, uma vez que não há registros de experiências feitas por ele neste campo antes de conhecer Niépce. (SALLES, 2014)

Daguerre ficou entusiasmado com a possibilidade de desenvolver uma técnica de reprodução visual eficiente e propôs uma sociedade com Niépce. A sociedade foi firmada em 1829 depois de muitas rejeições por parte de Niépce, a sociedade entre os dois tinha por objetivo o aprimoramento das técnicas até então desenvolvidas, mas ambos trabalhavam em sentidos opostos, uma vez que Niépce tinha em mente uma imagem capaz de ser copiada, reproduzida, e Daguerre, como era pintor, procurava simplesmente uma imagem satisfatória. Nada conseguiram juntos, e quatro anos após a sociedade, Niépce faleceu, em 1833. (SALLES, 2014)

Daguerre deu continuidade às experiências de seu colega e as aperfeiçoou, com muita dificuldade. Primeiro, utilizou como base chapas metálicas de prata ou cobre, que já haviam sido testadas por Niépce com bons resultados. Porém, todas as experiências de Niépce tinham como objetivo a obtenção de uma matriz para ser produzida, e Daguerre, que não tinha intenção de descobrir um sistema litográfico mais avançado, teve que deixar de lado todo o processo e avanços na área já feitos por Niépce com o betume da Judéia, e passou a fazer experimentos com sais de prata, como outros faziam na busca da imagem fotográfica. (SALLES, 2014)

O composto por sais de prata apresentava problemas recorrentes relacionados à fixação da imagem, apesar da rapidez com que apreendiam uma imagem, esta era muito rudimentar e o problema da fixação ainda não estavam resolvidos. Porém mais adiante Daguerre resolveu esse impasse através de um acaso, Daguerre relata que estando exausto e decepcionado por não conseguir obter resultados satisfatórios, jogou uma das chapas em um armário e esqueceu-se dela. Alguns dias mais tarde, à procura de alguns químicos, abriu o armário e deparou-se com a chapa, porém havia uma imagem impressa nela, que antes não estava lá. Investigou a razão desse feito e desconfiou que houvesse sido por causa do mercúrio de um termômetro que havia se quebrado. Fez teste que resultou o

daguerreotipo, finalmente havia sido contornado o problema da nitidez e da fixação. (SALLES, 2014)

O processo era bastante simples. Uma chapa metálica era tratada com vapores de iodo, que se tornavam iodeto de prata quando impregnados na chapa, tornando-a fotossensível. Essa chapa era colocada numa câmera escura, sem contato com a luz, e feita uma exposição que variava de 20 a 30 minutos mais ou menos. Após a exposição, era necessário fazer o iodeto de prata se converter em prata metálica para a imagem se tornar visível, a partir daí entrava o mercúrio, cujo vapor foi o primeiro sistema de revelação fotográfica anunciada comercialmente. (SALLES, 2014)

Este era um dos trunfos da daguerreotipo, sua imagem era convertida em prata metálica, esta ficava muito mais nítida que a imagem do haleto comum, e sua definição e riqueza de detalhes eram impressionantes. Depois para afinal, fixar a imagem, Daguerre explica que utilizava cloreto de sódio, ou sal de cozinha, ele produziu um pequeno daguerreotipo nessas condições em 1837, e em sete de janeiro de 1839, é anunciada a descoberta do processo na Academia de Ciências de Paris. (SALLES, 2014)

Após esse marco, a notícia se espalhou pelo mundo. A repercussão foi de grande porte diante do público, diversos pesquisadores apareceram no cenário reivindicando o invento para si. Havia um grande interesse comercial envolvido de fato muita gente ao mesmo tempo por toda parte do mundo buscava a “imagem fotográfica”, sem que eles se conhecessem. Após divulgar sua descoberta Daguerre ganhou uma corrida em que não se conhecia o número de concorrentes. (SALLES, 2014)

Na Inglaterra, William Fox Talbot trabalhava também desde 1833 em um processo similar para a obtenção de imagens. As dificuldades encontradas foram às mesmas da maioria dos proponentes à descoberta, não conseguiu achar um meio eficaz de fixar as imagens e utilizava como base papel impregnado com emulsão de sais de prata. (SALLES, 2014)

O que conseguiu de mais próximo foram impressões indiretas, por contato sobre papel, e que ele denominou Calótipo. Mas Talbot experimentou também colocar o papel diretamente na câmera escura, e obteve resultados satisfatórios, pouco antes de Daguerre. Talbot não revelou nada sobre sua descoberta por não ter conseguido, como Daguerre, uma maneira eficiente de fixar a prata sensibilizada.

Apesar de também ter utilizado sal de cozinha, a fixação numa solução de salmoura funcionava com uma chapa de metal, mas não como uma folha de papel, que se desmancharia depois de certo tempo. (SALLES, 2014)

Talbot, assim como Niépce, também buscava desenvolver uma maneira de copiar imagens, razão pela qual se manteve nas experiências com papel. Mas Talbot, que além de tudo era matemático e botânico, tinha em seu círculo de amizades alguns cientistas da Royal Society de Londres, entre eles John William Frederick Herschel. (SALLES, 2014)

Herschel também se interessou pela corrida à obtenção da imagem fotográfica, quando tomou conhecimento do anúncio de Daguerre em Janeiro de 1839. Herschel queria, na verdade, um método para fotografar as imagens da abóbada celeste obtidas por um grande telescópio que ele próprio construiu num interesse astronômico cuja ambição era o de registrar todos os corpos visíveis no céu. (SALLES, 2014)

Herschel tinha conhecimentos das dificuldades enfrentadas pelos pioneiros da fotografia através de Talbot, e sabendo que Daguerre havia conseguido resultados satisfatórios, resolveu pesquisar por conta própria métodos que pudessem resolver tais problemas. Ele e Talbot trocaram diversas experiências e informações durante semanas, pois Herschel tinha conhecimentos profundos de química, e lembrou-se de algumas experiências feitas alguns anos antes. (SALLES, 2014)

Em tentativas às pressas, Herschel foi o responsável pelo súbito avanço da fotografia em termos técnicos. Avanço esse que se fosse calculado no ritmo com que ele havia andado até então, seria como cinco anos em dois meses. Durante suas experiências Herschel testou diversos sais de prata, depois de infinitas tentativas lembrou-se que tinha testado, por volta de 10 anos antes, o hipossulfito de sódio, chamado hoje de tiosulfato que serviu para interromper a ação da luz sobre a prata. (SALLES, 2014)

Retomada as experiências com o mesmo material, agora já com novas técnicas e perspectivas, teve a seguinte conclusão: resultado perfeito, o papel exposto à luz, pela metade, é embebido com hipossulfito de sódio e em seguida lavado com água. Após secagem, o papel é novamente exposto à luz, a metade escura permanece escura, e a metade clara permanece clara. Por fim estava resolvido o problema da fixação fotográfica Talbot após descobrir o método eficiente de fixar imagens patenteou o calótipo em 1841. (SALLES, 2014)

Hercules Florence foi uma figura isolada na descoberta da fotografia o terceiro personagem de destaque nesta história. Entre os anos 1824 e 1879, viveu no Brasil – mais precisamente na Vila de São Carlos, hoje Campinas – o desenhista e topógrafo francês Hercules Florence, e que até há pouco tempo era famoso apenas por ter feito parte da expedição do Barão Langsdorff pelo interior do Brasil. Recentemente, através de pesquisas do Foto-Cine Clube Bandeirantes, e publicadas como estudo por Boris Kossoy, uma não menos interessante faceta de Florence veio à tona: Inventor da Fotografia. (SALLES, 2014)

Florence buscava uma maneira de reproduzir tipos gráficos, tendo enormes dificuldades, na época, de fazer publicar manuscritos de sua autoria. Havia poucas tipografias disponíveis e todas pertenciam a um mesmo dono, o que monopolizava a produção impressa. Antes de pensar em montar sua própria tipografia, Florence resolveu investigar os efeitos de materiais fotossensíveis. (SALLES, 2014)

Tomando conhecimento dos efeitos do nitrato de prata, Florence desenvolveu um processo rudimentar de fixação de imagens em papel sensível, primeiramente através de cloreto de ouro, cujo agente fixador deveria ser amônia. Na falta dessa substância, Florence utilizou nada menos que a própria urina para estabilizar as imagens, e obteve resultados satisfatórios em 1833. (SALLES, 2014)

Depois passou a utilizar outras substâncias, mais baratas que o sal de ouro, entre eles o nitrato de prata, que chegou a utilizar até mesmo com uma câmera escura. Mais tarde desenvolveu desenhado em vidro, obtendo cópias por contato de ótima qualidade. Em suas anotações constam importantes descobertas feitas isoladamente, e que se assemelham com as que Daguerre, Talbot e Herschel fizeram na Europa. (SALLES, 2014)

1.3.A Fotografia no Século XX

No ano de 1900, a fotografia já tinha todos os requisitos necessários para o registro de imagens com altíssima qualidade de exposição e reprodução, tanto que o cinema, cuja base é fotográfica, só seria possível tecnologicamente nestas condições, sendo concretizado por Edison e os irmãos Lumière. Mas na fotografia estática, os principais avanços foram de ordem mecânica, na construção de lentes cada vez mais precisas e nítidas, e câmeras portáteis de diversos formatos e tamanhos. (SALLES, 2014)

A Eastman lançou, por exemplo, em 1900, a câmera Brownie, que custava apenas um dólar, e que transformou radicalmente a fotografia em uma arte popular, levando outras empresas a supremacia por uma qualidade técnica profissional. Nesse contexto, dois fabricantes de lentes se destacaram no mercado pela excelência da construção óptica, a Carl Zeiss e a Schneider, ambas alemãs, e que contribuíram largamente para aumento da capacidade luminosa e qualidade da imagem formada. (SALLES, 2014)

Diante desse ponto de partida, foram explorados diversos tipos de formatos, pois os negativos de Eastman eram muito pequenos, propícios apenas a amadores. Fotógrafos profissionais ainda precisavam de chapas de negativos, mas agora confeccionados em material flexível e não mais em vidro. Os formatos em chapa foram explorados sob diversos tamanhos por diversos fabricantes de câmeras, mas havia sempre uma limitação comercial, da qual dependia a sobrevivência do formato. Assim, os fabricantes de câmeras lançavam produtos que exigiam determinados formatos, e sob encomenda deste fabricante, chapas de negativo eram confeccionadas, geralmente pela própria Kodak. (SALLES, 2014)

Em oposição a excelência técnica alemã, surgiu uma nova potência na fabricação de lentes e câmeras: os japoneses. Já havia fabricantes de origem nipônica desde 1890, muitas vezes em sociedade com firmas alemãs, mas após a primeira guerra houve um verdadeiro boom de grandes indústrias, como por exemplo, a Nikon, formada em 1917, a Olympus e a Asahi Pentax, ambas de 1919 a minolta de 1928, a Canon de 1933 e a Fuji, de 1934. (SALLES, 2014)

Após toda essa cronologia de tempo e história tivemos avanços significativos desde então, aperfeiçoamentos tecnológicos, processos eficientes e baratos, câmeras programáveis e a fotografia digital, uma revolução digital que vem crescendo e se tornando cada vez mais compacta se disseminando nos aparelhos celulares, trazendo uma nova ótica nas artes fotográficas. Os esforços do passado de muitos que marcaram a história, foram de suma importância para chegarmos ao patamar que estamos hoje no que se diz respeito à fotografia. (SALLES, 2014)

Durante muito tempo a fotografia foi um tipo particular de imagem operado com o auxílio de uma máquina, que era possível retratar objetos, pessoas e lugares na forma como eles aparecem na visão da câmera. A fotografia nasceu em um cenário positivista do século dezenove que se beneficiava de descobertas e inventos

que visavam à reprodução mecânica da realidade visual. Segundo Vilém Flusser no *Livro Filosofia da Caixa Preta*:

Imagens são mediações entre homem e mundo. O homem “existe”, isto é, o mundo não lhe é acessível imediatamente. Imagens têm o propósito de representar o mundo. Mas, ao fazê-lo, entropõem-se entre mundo e homem seu propósito é serem mapas do mundo, mas passam a serem biombos. O homem ao invés de se servir das imagens em função do mundo passa a viver em função de imagens.

As primeiras descobertas fotográficas foram atribuídas a Joseph Nicéphore Niépce, em 1826, na França. Contudo, KOSSOY (1980), em seu livro *Hercules Florence, 1833: a descoberta isolada da fotografia no Brasil* recompõe o percurso histórico e graças a uma descoberta, emerge na história o nome de Hercule Florence como “descobridor” da fotografia. Para o autor, quatro anos antes de Niépce, Florence conseguiu registrar uma imagem fotograficamente.

Todavia, não teve a ampla propagação desse feito, provavelmente por residir na cidade Campinas (Estado de São Paulo, interior do Brasil), enquanto que Niépce estava em Paris, o então “centro do mundo” o que possibilitou a repercussão quando a invenção da fotografia é declarada como sua (AMAR, 2001).

Para Susan Sontag “fotografar é, por conseguinte redimir o tosco, o banal e o humilde, é também um modo engenhoso de expressão individual”.

Diante dessa ótica Sontag deixa claro as consequências de se fotografar a simbiose entre o tosco o banal e o humilde, não se pode ao certo ditar “padrões” fotográfico, cada indivíduo tem uma ótica diferente seja para o lado do tosco, do banal ou o simplesmente humilde, cada expressão do olhar fotográfico é único e individual.

Entretanto, vale ressaltar que, nos dias atuais, é reconhecido que a fotografia tem vários inventores que trabalham ao mesmo tempo em diferentes locais e que o nome de Florence está nesses registros (KOSSOY, 1980).

A linguagem fotográfica é um processo de substituição e imposição de convenções, uma historia ideológica do domínio e abandono de determinadas formas de pensamento segundo VAN DIJC, 2008: “a função da fotografia como instrumento para a formação da identidade e como meio de comunicação era reconhecida, mas sempre percebida como algo secundário em relação a sua função primordial: a memória”.

Essa contemporaneidade da fotografia vem tomando espaço nos dias atuais, com o avanço das tecnologias a fotografia utilizada no âmbito escolar como objeto de aprendizado na prática pode proporcionar a formação da identidade da criança, PIERRE BOURDIEU (1990), no livro *Un art moyen*, escrito em 1965, situa a prática da fotografia no âmbito mais amplo das práticas sociais de formação de identidade coletiva e descreve a construção de álbuns fotográfica como um “ritual de integração” que cumpre uma “função normalizadora” com a mesma clareza de uma lápide tumular.

A evolução tecnológica, as câmeras digitais fazem com que os argumentos acerca do impacto do filme colorido fiquem obsoletos apesar de que possam robustecer os comentários de Bourdieu sobre o fetichismo da automação, Bourdieu faz um importante adendo em seus escritos sobre a fotografia ele faz uma correlação do tempo passado, mas também aponta abordagens alternativas na prática da análise fotográfica e evidencia que a fotografia foi, e continua a ser parte integrante dos sistemas de identificação social do mundo ocidental.

A produção de sentidos nas artes visuais é tanto um aspecto da maneira pela qual representamos a nossa cultura como um todo, quanto à forma como é nos representa. Se, para Bourdieu, a fotografia é determinada não por suas qualidades intrínsecas, mas pelo fato de ter se tornado uma prática social de massa, como pensar a fotografia como suporte de arte visual contemporânea?

1.4. A propagação das câmeras nos celulares.

Existe uma pequena discussão sobre qual teria sido de fato o primeiro telefone celular equipado com uma câmera. Há quem diga que quem ocupa este posto é o SCH-V200, da Samsung, lançado na Coreia do Sul em junho de 2000; contudo, o J-SH04, aparelho desenvolvido pela Sharp e lançado no Japão pela J-Phone em novembro de 2000, também é por vezes reconhecido como o primeiro do gênero. (CIRIACO, 2016)

No ano 2000, o último do século 20, foi um ano de grandes avanços no campo da tecnologia, foi o ano que nos apresentou a esta nova modalidade de fotografia. O progresso tecnológico experimentado nestes últimos 16 anos transformou as câmeras de aparelhos celulares de meros acessórios extras a itens obrigatórios e avançados superando com folga as câmeras compactas básicas disponíveis no mercado. (CIRIACO, 2016)

Segundo Renato Citrini, gerente sênior de produto da divisão de dispositivos moveis da Samsung Brasil, este passo adiante por parte das câmeras tem origem na “evolução da tecnologia que permitiu embutir nos portáteis equipamentos menores sem perda de qualidade, com o uso de componentes cada vez menores e consumindo menos energia”. (CIRIACO, 2016)



Figura 2: SCH-V200: um dos primeiros celulares com câmera do mundo.
(Foto: Divulgação/Samsung)

O SCH-V200 produzia imagens de no máximo 0,35 megapixels, enquanto o J-SH04 era ainda pior: fazia fotos de no máximo 0,11 MP. O aparelho da Sharp/ J-Phone saía na frente por permitir o envio das imagens de maneira digital, porém isso não era exatamente um grande diferencial em uma época em que apenas outros modelos do mesmo gadget (mesma aplicação) poderiam receber as fotografias. (CIRIACO, 2016)

Em 2004, chega ao mercado o primeiro aparelho a ultrapassar a abarreira de 1 megapixel de resolução: o Áudio Vox PM8920, que registrava fotografias de até 1,3 MP (resolução 1.280 x 960). A Nokia teve um papel decisivo no avanço das câmeras de celular com o lançamento do N90, em 2005. Este é provavelmente o primeiro grande celular com câmera do mundo: 2 MP, lente Carl Zeiss, Flash de LED e autofoco, algo absurdamente revolucionário para a época, ainda mais para um aparelho sofisticado com flip que mais parecia um cubo magico. (CIRIACO, 2016)

Para competir de frente com os finlandeses no mundo das câmeras, nada melhor do que os japoneses: a Sony lançou em 2006 o Sony Ericsson K800i, com a

marca Cybershot (marca das câmeras da empresa), 3,2 megapixels, autofocus, sistema de estabilização de imagem e flash de xênon. (CIRIACO, 2016)



Figura 3: A Nokia N90. (Foto: Divulgação/Nokia)

O duelo entre as primeiras empresas pioneiras perdurou por alguns anos, mas a Samsung estava pronta para voltar e em, 2008 lançou o aparelho i8510, com câmera de 8 megapixel com um flip estilo Matrix, com design semelhante ao da linha N, da Nokia. Ainda em 2008, a LG entrava nessa disputa com o lançamento do LG Renoir (KC910), o primeiro telefone com câmera de 8 megapixels e tela sensível ao toque. (CIRIACO, 2016)

A partir de então, o mercado nunca mais parou. O Iphone, que chegou em junho de 2007 com 2 megapixels, ajudou a desenvolver a popularização dos smartphones, que cada vez mais introduziram novidades às câmeras. Aos poucos, os fabricantes começaram a introduzir softwares com recursos especiais para lidar com a câmera de seus dispositivos. (CIRIACO, 2016)

Nesse âmbito, podemos citar as funções de foto panorâmica ou de passagem de tempo presentes em muitos gadgets, ou, de forma ainda mais específica, modos como o Photo Sphere, do Google, o Live Photo da Apple, e o Time Shift, da Blackberry. Além dos fabricantes, muitos desenvolvedores passaram a criar ferramentas independentes para desenvolver as suas fotos, o que também merece uma citação especial na linha evolutiva das câmeras. Assim aplicativos que permitem controle de ajustes aplicam filtros, muitas vezes em tempo real, também contribuem para o avanço destes dispositivos. (CIRIACO, 2016)

Nos dias atuais, os smartphones já ultrapassam as câmeras mais básicas quando o quesito é fotografia, na opinião do executivo da Samsung, a principal barreira evolutiva que impede a superação de dispositivos profissionais e semiprofissionais é uma questão física. “Os smartphones já bateram as câmeras compactas, mas as semi ou profissionais, nas quais é possível realizar uma série de ajustes detalhados e trocar lentes, ainda não. Existe aí, uma limitação física”, argumenta Citrini. (CIRIACO, 2016)

Diante dessa ótica do passado e presente podemos analisar que ambas as evoluções percorreram longos caminhos para chegar até o resultado final, na época da descoberta da fotografia foram inúmeras as tentativas e fracassos de se obter uma fotografia nítida e estática. Nos celulares não foi diferente, as experiências começaram como resultados pouco satisfatórios e que foram evoluindo até chegar ao resultado final que são aparelhos compactos e com grande nitidez no que diz respeito à fotografia.

2. FOTOGRAFIA NO ÂMBITO ESCOLAR

Os avanços tecnológicos relacionados ao mobile têm propiciado que os mesmos possam realizar diversas funções, com desempenho cada vez melhor. Porém em relação ao seu uso no contexto educacional, os celulares dividem opiniões, principalmente quando utilizados em sala de aula.

Por um lado o equipamento pode ser atrelado a problemas, como distrações durante a aula, por outro pode apoiar tarefas pedagógicas. Com os avanços da portabilidade e convergência funcional de tecnologias, bem como com a redução de custos de produtos e serviços disponíveis, os dispositivos moveis tornaram-se cada vez mais presentes no dia a dia das pessoas.

Segundo pachler et al, 2010, “a decorrência crescente desses dispositivos em meio à vida diária da sociedade tem motivado pesquisas no contexto educacional”. Mobile Learning (m-learning) é o campo de estudo que busca analisar como os dispositivos móveis podem colaborar para a aprendizagem. As atividades nessa área proporcionam características como: interatividade, mobilidade, trabalho em equipe, aprendizagens em contextos reais, entre outras. Apud (Batista, 2011).

Os recursos que os dispositivos móveis apresentam estão cada vez mais potentes e de fácil manuseio. Apud (Quinn, 2011). Esses dispositivos proporcionam cada vez mais facilidade de acesso a informações e melhor suporte para aplicativos multimídia e colaborativos. Apud (Educause, 2010).

Fotografia e Educação são campos do conhecimento que nem sempre andaram juntos, pois a Educação, assim como a História, está tradicionalmente vinculada a textos escritos (CAMPANHOLI, 2014).

Durante muito tempo a história esteve fortemente atrelada à ideia de veracidade a partir de documentos escritos, até o início do século XX. Porém, a partir da década de 1930, os documentos oficiais, até então analisados como única possibilidade de revelar verdades sobre os fatos históricos, vão compondo um leque que agrupará uma diversidade de outras fontes, documentos como arqueológicos, pictográficos, iconográficos, fotográficos, cinematográficos,

numéricos, orais, entre outros, passam a ter veracidade que era concedida apenas aos documentos escritos. (CAMPANHOLI, 2014).

Para CAMPANHOLI, é de suma importância admitir o uso da amplitude de possibilidades de redefinições e discussões no campo da fotografia, a utilização das fotografias dentre outros documentos não escritos, a autora destaca a fotografia como estratégico meio de surgir explicações baseadas em indícios de determinados acontecimentos históricos.

Trazer a fotografia para o cenário da educação significa dismantlar processos arraigados, porém felizmente isso já vem ocorrendo há certo tempo e em instâncias variadas, pois a presença da Fotografia na história da Educação amplia as metodologias de ensino (CAMPANHOLI, 2014)

A amplitude das metodologias de ensino no campo da fotografia é muito importante para a construção de novas práticas que possam ser praticadas no contexto escolar, paralelo a isso:

A popularidade dos celulares pode contribuir para aumentar o acesso a conteúdos educacionais digitais. Como dispositivos portáteis que podem facilitar a aprendizagem em contextos fora dos limites das instituições educacionais, bem como dentro das mesmas. (UNESCO, 2012).

Desse modo, a utilização desses dispositivos nas aulas de artes tem potencial para tornar o aprendizado mais acessível, colaborativo e relevante. (UNESCO, 2012)

O contato com diferentes linguagens é muito importante para o discente, Ana Mae explica que na disciplina de artes seria de muita valia que o aluno ao começar a se interrogar profissionalmente tivesse experiências práticas com algumas dessas atividades, para que de fato tivesse outras opções a escolher diferenciando das que já são de certa forma impostas.

O mercado de trabalho é um campo amplo que proporciona atividades que incorporam a cadeia artística nesse contexto, mais de 25% das profissões neste país estão ligadas direta ou indiretamente às artes, e, o seu melhor desempenho depende do conhecimento de arte que o indivíduo tem BARSOSA (2008 p.31).

Desse modo o contato com a arte e outras linguagens é de fundamental importância para profissões que estão ligadas a, propagandas, editoras, revistas, design, TV, cinema e outras.

No livro *A Importância da Imagem no Ensino da Art*, Ana Mae (2008 p. 31) destaca que o contato com a arte é essencial para várias profissões e em seguida ressalta profissões que tem haver com área e deixa clara a importância do conhecer a arte e o fazer artístico. Ana Mae (2008 p. 31) ressalta que quando se fala em conhecer arte ela discorre sobre um conhecimento que nas artes visuais se organiza com o fazer artístico, a apreciação da arte e a história da arte.

Segundo a proposta acima referida a imagem, o fazer, o conhecer e o apreciar foram adaptados sobre a ótica da fotografia. Segundo Ana Mae “a arte na escola tem como intuito formar o conhecedor, fruidor, decodificador da obra de arte”.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, contemplam a leitura e análise de imagens como fator importante para o aprendizado, entretanto anda é um recurso pouco utilizado em sala de aula.

Os alunos contemporâneos deste século são altamente visuais e tecnológicos, e grande parte desses alunos considera o texto escrito desinteressante, portanto a diferenciação com a fotografia e outras tecnologias faz toda diferença, fará com que os discentes tenham mais interesse, aumente sua atenção e compreensão da disciplina, além de que através da fotografia o aluno estará utilizando de sua própria linguagem e singularidade.

A documentação fotográfica é um recurso prático, que apresenta um potencial excepcional quando trabalhada como material didático. Apud (PREZZOTTI e CALLISTO, 2002 apud, FERNANDES, 2005, p23), pois o agir o pensar estão relacionados a pratica visual, o mundo esta cada vez mais moldado pelo visual.

A comunicação através das imagens fotográficas, por si só, tem força apelativa, e as imagens que apresentam coloração tem uma força muito maior. Todavia, é notável que elas sejam pouco utilizadas, passando então despercebidas ao olhar dos discentes.

As fotografias carregam consigo a missão de favorecer a visualização e a compreensão de estruturas, de processos, de si mesmo e do mundo. A escola precisa passar por transformações para enfrentar o mundo contemporâneo, e há a necessidade de docentes preparados para procedimentos didáticos que privilegiem a construção coletiva de conhecimentos mediados pelo uso da fotografia, na qual o docente deve intermediar e orientar esta construção. (CAMPANHOLI, p. 8 2014)

A escola precisa se tornar mais contemporânea, acompanhar as evoluções tecnológicas, capacitar os docentes para que no futuro possam fazer uso dessas tecnologias como recurso didático em suas aulas, propiciando a construção coletiva

de conhecimentos acerca da tecnologia, fotografia entre outras que estão por surgir intermediando e orientando a construção do senso crítico do indivíduo através desses recursos.

Quando se fala em escola mais contemporânea, fala-se de uma escola com mais acessibilidade às tecnologias que estão a nossa mão, escolas dispõem de recursos tecnológicos (Datashow, notebooks, tablettes, celulares, câmeras etc...) que às vezes, o próprio docente não faz uso, por falta de conhecimento acerca do funcionamento do aparelho ou mesmo por questões de planejamento. No caso do celular, nos usuários não temos o hábito de explorar seus recursos e aplicações. Diante desse fator tanto o docente quanto o aluno podem fazer uso dos recursos, desde que tomem nota do que realmente são relevantes para a construção coletiva do conhecimento entre ambas as partes.

No entanto, apesar das potencialidades que o celular apresenta em termos educacionais, a escola, em geral, não faz uso as mesmas, optando, muitas vezes, apenas por proibir sua utilização em sala de aula. Apud (SEABRA, 2013). O autor citado reconhece que a utilização do aparelho em sala de aula pode ocasionar distrações e possibilitar, com toda a sua tecnologia, práticas de repasse de respostas de provas e testes, de modo muito mais eficiente do que formas tradicionais. Entretanto, apesar das dificuldades apontadas, SEABRA (2013) tem uma visão otimista sobre a utilização de celulares na escola e sugere, em relação à questão da distração, que o professor discuta regras de usos aceitáveis com os alunos.

No caso da utilização do aparelho nas aulas de artes, restringe-se o seu uso apenas para a câmera do aparelho, visando às práticas fotográficas. Possa ser que o aluno tente se distrair com outras aplicações do dispositivo. Portanto o docente deve solicitar que os mesmos utilizem o celular no modo avião desabilitando qualquer conexão com a internet e serviço de rede do celular.

Na atual conjuntura educacional o discente aprende cedo a ler e interpretar textos, a dar sentido certo aos mesmos, entretanto na leitura e interpretação de imagens não ocorre o mesmo, esse recurso é pouco explorado, durante todo o percurso escolar os discentes não são “alfabetizados” para ler imagens, talvez pelo fato de não existir nenhum tipo de ensinamento ou treinamento formal para interpretar uma imagem.

CAMPANHOLI, apud Ana Maria Mauad (2012) fala sobre a possibilidade de a imagem fotográfica mentir, não só nos dias de hoje com os avanços dos programas de edição de imagens que possibilitam inúmeras manipulações, mas também das técnicas antigas utilizadas por alguns fotógrafos para conseguir um efeito desejado por ele ou se contratante, através de montagens detalhadas de cenas com personagens sistematicamente posicionados para que a foto pareça espontânea nas e nas manipulações em laboratório, pois mesmo antes da era digital já era possível fazer essas manipulações.

Sobre a ótica de CAMPANHOLI, a fotografia não é a própria realidade, tão pouco uma verdade absoluta, a fotografia pode ter varias interpretações por isso se faz necessário que o discente aprenda a fazer a leitura dessas imagens, estar atento a essas manipulações, dessa forma o discente desenvolverá o olhar critico e a capacidade de interpretação.

Portanto, o uso do celular imbricado com a educação e a prática fotográfica, pode resultar em resultados satisfatórios para a comunidade educacional, segundo apud, Batista (2011) Analisando, de forma conjunta, uma pesquisa exploratória e um estudo de caso sobre o uso educacional do celular, lista aspectos positivos que deram evidenciados nas duas experiências:

- Habilidade dos alunos em lidar com o teclado;
- Praticidade;
- Receptividade dos alunos quanto ao uso educacional dos dispositivos.

Da mesma forma a autora identifica aspectos negativos:

- Variedade de modelos e recursos dos celulares;
- Tamanho da tela;
- Custo com conexão à internet.

As dificuldades acima que foram descritas não se aplicam especificamente a uma determinada área curricular, Da mesma maneira, entende-se que as potencialidades desses dispositivos também são gerais, podendo apoiar ações pedagógicas nas mais diversas áreas curriculares.

3. PROPOSTA PARA USO DO CELULAR NA SALA DE AULA.

A presente proposta pedagógica tem como objetivo desenvolver uma pesquisa que trata da realização de aulas voltadas para o uso das novas tecnologias em aulas de Artes, no fazer artístico influenciando na produção de imagens autorais pelos discentes com enfoque na prática e na leitura de imagens.

A análise da fotografia na sala de aula permitirá educar o olhar do discente e, desta forma, fornecer um importante passo rumo à democratização dos meios de comunicação. A educação tem por objetivo formar cidadãos conscientes, o que só será possível com a compreensão crítica da sociedade em que vivem. (CAMPANHOLI, p. 10 2014)

O trabalho consiste em aulas de fotografia que utilizem as técnicas fotográficas da câmera fotográfica convencional aplicada no aparelho celular (mobile), o telefone da era contemporânea possui recursos que se assimilam os da câmera convencional, proporcionando qualidade similar a das câmeras digitais.

A aplicação de aulas de fotografias em artes tem como intuito trazer para sala de aula novas práticas de ensino, através das novas tecnologias, incentivando a prática fotográfica, a produção de trabalhos a partir dessa tecnologia. Educação e comunicação estão totalmente entrelaçados são praticamente inerentes, visto que, a educação engloba toda a prática comunicativa.

3.1. Conteúdo programático das aulas.

- Roda de conversa sobre a fotografia nos dias de hoje;
Roda de conversa sobre os processos fotográficos nos dias de hoje, produção de imagens para as redes sociais, explanação sobre os riscos que as fotos podem causar em redes sociais, o que é fake ou não? Selfie é fotografia? Utilizar o facebook como exemplificação;
- Aula teórica entendendo a câmera escura;
Aula expositiva, explicativa através de Datashow sobre os períodos que antecederam o surgimento da fotografia
- Aula pratica produção de uma pequena câmera escura para que os discentes entendam seu processo da câmera escura.
- Aula teórica sobre os recursos que uma câmera fotográfica possui;

Aula teórica expositiva explicativa através do manual fotográfico digital Canon College. Explicar ao aluno os recursos que uma câmera fotográfica possui, e como devemos usa-la.

- Aula pratica descobrindo os recursos do seu celular;
Aula explicativa e pratica, sobre como surgiu às câmeras nos celulares, suas aplicações e recursos.
- Roda de conversa, porque o celular não pode ser utilizado em sala de aula? Que fatores levam a isso?
Roda de conversa, sobre a utilização do aparelho em sala de aula, conscientizar os alunos sobre o uso correto dessa ferramenta;
- Aula pratica sobre enquadramento, regra dos terços;
Aula expositiva pratica, sobre enquadramento, regra dos terços aplicados ao telefone celular, mostrando as diferenças entre uma câmera profissional e uma câmera de celular diferenciando as aplicações entre ambos.
- Aula teórica pratica sobre manipulação de imagens, as imagens mentem?
Aula expositiva demonstrativa, sobre manipulação, softwares de edição e como identificar uma imagem fake;
- Aula pratica, saída fotográfica;
Aula prática com foco no conteúdo transversal meio ambiente. Saída fotográfica pelo parque.
- Aula pratica de análise das fotografias feitas;
Aula pratica de análise das imagens que os alunos obtiveram do meio ambiente, analisar as regras aplicadas.
- Exposição dos resultados.
Exposição no pátio da escola das fotografias reveladas na hora do intervalo para que outros alunos da mesma instituição contemplem o trabalho realizado.

O conteúdo programático das atividades que podem ser trabalhados juntamente com os conteúdos transversais que os PCNs propõem, no caso do exemplo acima as atividades serão desenvolvidas acerca do meio ambiente uma saída fotográfica que visa explorar um parque ambiental que fica próximo à escola,

caso a escola não fique próxima de um parque ou locais de vegetação, o docente precisa elaborar uma saída mais detalhada para algum parque da cidade, ou se a escola dispuser de um local com jardim amplo a atividade poderá se desenvolvida no ambiente escolar.

Diante das especificações citadas acima se faz necessário a problematização que cerca o uso do aparelho na sala de aula, portanto propõe-se a teoria, à prática e os ciclos de conversação acerca do assunto debatido, fazendo que o discente possa se conscientizar de como utilizar de forma coerente os recursos que o aparelho pode oferecer.

3.2. Formas de análise de imagem.

Para o trabalho de análise das imagens feitas pelos discentes tomei como exemplo a proposta da autora CAMPANHOLI, Apud Ciarelli (2011) apresenta em seu artigo um quadro sugestivo para análise de fotografias.

ANÁLISE MATERIAL: tudo que é possível ver na imagem, pessoas fotografada, expressões, roupas, moveis, ângulo, o foco. A luz, o material impresso, e as informações que possam estar escritas no verso ou a legenda.

ANÁLISE IMATERIAL: o contexto, símbolos, mensagem que a fotografia passa, para quem está analisando.

Esse norteamento se faz necessário pelo fato de que, os discentes não estão acostumados a fazer leitura de imagem é interessante que o docente complemente essa análise com textos ou vídeos para auxilia-los.

3.3. II Parte da Análise de imagem

ANÁLISE MATERIAL

Qual sua coloração?

Onde essa fotografia foi tirada?

Quais os elementos que compõe a fotografia?

Quais elementos (se houver) compõe a fotografia e qual sua função?

ANÁLISE IMATERIAL

Quem fez?

Porque fez?

Qual a data e localização?

É possível ver algum tipo de alteração quanto ao seu conteúdo, comparada a outras imagens do mesmo assunto?

Qual a técnica utilizada?

ANÁLISE INTERPRETATIVA

O que essa imagem te ensinou?

Porque você acha que essa imagem foi feita?

O que você acha que o autor queria mostrar?

Que temas podem ser abordados em aula a partir dessa fotografia?

A autora indica que trabalhar o assunto da imagem depois de sua leitura, e que o docente apresente demais informações que ainda não foram ditas.

E ressalta que, essa fase é importante para que possa confirmar as teses a respeito da imagem, e ainda fazer novas reflexões. Após essas informações o docente pode abrir debates acerca do assunto.

Com essa análise proposta à autora entende que:

No primeiro item é possível mostrar ao discente que as fotografias e as coisas podem mudar conforme o passar do tempo. O segundo que a fotografia atualmente é muito reproduzida e que com isso pode-se perder diversas informações fundamentais para análise da mesma. No terceiro a mesma função do primeiro além da importância da fotografia para a memória. O quarto item irá desenvolver no discente a crítica da imagem, onde não modificadas, e fazê-lo pensar no porque dessa modificação. O quinto item mostrará ao discente o porquê da fotografia ser considerada como espelho do real. (CAMPANHOLI,p.13 2014)

O método utilizado pela autora nos leva uma reflexão de que a leitura de imagem se faz tão necessário quanto o fazer da imagem, com as técnicas utilizadas acima, o discente consegue compreender a fotografia, sua linguagem e se torna crítico através do seu próprio fazer artístico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho de pesquisa procurou estabelecer um paralelo entre praticas de fotografias interligadas com as novas tecnologias e educação visando propor novas formas de trabalhos práticos incentivando os docentes a proporem uma nova roupagem em atividades que utilizem recursos que estão ao alcance da comunidade escolar. A tecnologia e a fotografia se faz presente em nossas vidas, é objeto de memória, é realidade.

A pesquisa propõe o trabalho teórico pratico levando essa prática para a sala de aula aumenta as chances de que os discentes passem a ter mais interesse pelo conteúdo proposto aproximando-os do nosso cotidiano e também oferecendo um leque de opção para a comunidade docente, com novas estratégias de metodologias para o processo de aprendizagem.

O objetivo dessa pesquisa é que esse material sirva como forma de fomento as novas possibilidades na área da fotografia e de praticas pedagógicas trazendo releituras, novos temas, e possibilidades para a sala de aula. O discente que tiver contato com essa metodologia estará desenvolvendo seu senso critico e estético acerca do fazer artístico e da analise de imagem, fazendo com que os discentes passem de meros admiradores para leitores e interpretadores de imagens no âmbito escolar, bem como no seu dia a dia.

Com as novas tecnologias é possível obter suporte didático para dinamizar as aulas de artes, com criatividade e adequando aos interesses dos discentes, visto que, nos dias atuais o telefone é ferramenta popular na mão dos alunos, onde possibilita um campo vasto para sua utilização, sem restrição de disciplinas. O contato com esse aparelho possibilita a sensibilização do aluno e do docente para recursos que o mesmo oferece no campo da fotografia, propiciando aulas mais adequadas a realidade atual.

BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, A. M. **A Imagem no Ensino da Arte: anos oitenta e novos tempos**. São Paulo : perspectiva, 2008.

BATISTA, S. C. F. Análise do uso do celular no contexto educacional. **Renote**, v. 11, n. 1º, p. 10, Julho 2013.

CAMPANHOLI, J. A. M. Fotografia e educação: o uso da fotografia na prática docente. **Revista Primus Vitam** , 2014. 16.

CIRIACO, D. Câmeras de celular: evolução que vai muito além dos megapixels. **Canaltech**, 27 maio 2016.

EDUCAÇÃO, S. F. D. Parâmetros Curriculares Nacionais. **Secretaria de Educação Fundamental** , Brasília, 1997. 130.

FLUSSER, V. **Filosofia da Caixa Preta Ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. São Paulo: EDITORA HUCITEC, 1985.

KUBRUSLY, C. A. **O que é fotografia**. Coleção Primeiros Passos; 82. ed. São Paulo : Brasiliense , 2003.

MARQUES, S. D. P. E. K. A Imagem como Objeto da Sociologia da Arte. **Sociologia e Artes Visuais**, Ceará, 2010. 10.

SALLES, F. Breve História da Fotografia, São Paulo , 2014. 13.

SONTAG, S. **Sobre Fotografia**. São Paulo : schwarcz ltda, 1990.

Site Consultado:

Disponível: <http://fotografiaontemhoje.blogspot.com/2011/08/linha-do-tempo-da-fotografia.html>. Acessado dia 23 de maio de 2018 às 15 horas.

ANEXO

PLANO DE AULA: A UTILIZAÇÃO DO CELULAR NA SALA DE AULA

1. IDENTIFICAÇÃO

Escola: Pe. Carlos Casavecchia

Curso: Ensino Fundamental

Disciplina: Artes

Carga horária: 10 Aulas

Série: 9º

Ano: 2018

Professor (a): Marcos Antonio (Estagiário)

2. Objetivo geral

A utilização de imagens, especialmente as fotográficas, é cada vez mais presente no cotidiano. Mas será que paramos para realmente olhar as imagens que nos cercam? Este plano de aula pretende fazer com que os alunos conheçam mais profundamente a linguagem fotográfica e sua história, além de possibilitar o trabalho com novas mídias; por exemplo, o telefone celular. Proporcionar o contato com as novas tecnologias, utilizando o celular na produção de fotografias através da fotografia e do conteúdo didático transversal Meio Ambiente.

- Estudar a história da fotografia;
- Conhecer o processo de produção e análise de imagem fotográfica;
- Estimular diferentes formas de olhar;
- Problematizar com o aluno a utilização do aparelho na sala de aula;
- Conhecer as funções que o celular permite na produção de imagens;
- Entender os riscos que as fotografias propiciam quando combinadas a redes sociais;
- Ciclos de rodas de conversa acerca do assunto debatido, selfie, manipulação;
- Ter contato com os conteúdos transversais, conteúdo meio ambiente.

3. Conteúdo programático

Roda de conversa sobre os processos fotográficos nos dias de hoje,

Produção de imagens para as redes sociais, explanação sobre os riscos que as fotos podem causar em redes sociais, o que é fake ou não? Selfie é fotografia? Utilizar o facebook como exemplificação;

Aula teórica entendendo a câmera escura;

Aula expositiva, explicativa através de Datashow sobre os períodos que antecederam o surgimento da fotografia.

Aula pratica produção de uma pequena câmera escura.

Aula prática que visa desenvolver uma câmera escura para que os discentes entendam seu processo da câmera escura.

Aula teórica sobre os recursos que uma câmera fotográfica possui.

Aula teórica expositiva explicativa através do manual fotográfico digital Canon College. Explanar ao aluno os recursos que uma câmera fotográfica possui, e como devemos usa-la.

Aula pratica descobrindo os recursos do seu celular.

Aula explicativa e prática, sobre como surgiu às câmeras nos celulares, suas aplicações e recursos.

Roda de conversa, porque o celular não pode ser utilizado em sala de aula? Que fatores levam a isso?

Roda de conversa, sobre a utilização do aparelho em sala de aula, conscientizar os alunos sobre o uso correto dessa ferramenta;

Aula pratica sobre enquadramento, regra dos terços.

Aula expositiva pratica, sobre enquadramento, regra dos terços aplicados ao telefone celular, mostrando as diferenças entre uma câmera profissional e uma câmera de celular diferenciando as aplicações entre ambos.

Aula teórica pratica sobre manipulação de imagens, as imagens mentem?

Aula expositiva demonstrativa, sobre manipulação, softwares de edição e como identificar uma imagem fake;

Aula pratica, saída fotográfica.

Aula prática com foco no conteúdo transversal meio ambiente. Saída fotográfica pelo parque. Observar o meio ambiente o habitat que cerca o nosso entorno habitual, fotografando as particularidades que mais chamar atenção do discente.

Aula pratica de análise das fotografias feitas.

Aula pratica de análise das imagens que os alunos obtiveram do meio ambiente utilizando as perguntas norteadoras que a autora propõe analisar as regras aplicadas.

Exposição dos resultados.

Exposição no pátio da escola das fotografias reveladas na hora do intervalo para que outros alunos da mesma instituição contemplem o trabalho realizado.

4. Metodologia

O método utilizado nessa aula deve ser explicativo expositivo prático sempre mostrando exemplos e comparando com os celulares dos alunos.

- Aula expositiva sobre texto “Fotografia: tecnologia e arte” refletindo sobre os conhecimentos prévios dos alunos sobre a temática;
- Observação e apreciação de imagens fotográficas;
- Aula básica de técnicas fotográficas;
- Confecção de uma câmera fotográfica caseira, expondo aos alunos como funciona a criação de uma imagem fotográfica a partir da câmera caseira pinhole;
- Saída fotográfica pela escola utilizando as técnicas aprendidas em sala de aula.

5. Avaliação

Critérios a serem observados:

- O aluno se esforça no desenvolvimento das atividades?
- O aluno questiona o que não entende?
- O aluno demonstra interesse em aprender?
- Auto avaliação.
- Avaliação participativa.